

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MANOELA SILVA LEAL
WYÁSKARA DAIANY DA SILVA LINS

**ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM CÃES
ALERGOPATAS NA PRÁTICA CLÍNICA: Revisão De Literatura**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

MANOELA SILVA LEAL
WYÁSKARA DAIANY DA SILVA LINS

**ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM CÃES
ALERGOPATAS NA PRÁTICA CLÍNICA: Revisão De Literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Dra. Claudia Luiza Paes Barreto
Villaça

MANOELA SILVA LEAL
WYÁSKARA DAIANY DA SILVA LINS

**ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM CÃES
ALERGOPATAS NA PRÁTICA CLÍNICA: Revisão De Literatura**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Medicina Veterinária.

Data da Apresentação: 04/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Claudia Luiza Paes Barreto Villaça

Membro: Profa. Esp. Lara Guimarães

Membro: Prof. M.e. Matheus Felipe de Aquino Gomes

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM CÃES ALERGOPATAS NA PRÁTICA CLÍNICA: Revisão De Literatura

Wyáskara Daiany da Silva Lins, Manoela Silva Leal
Prof. Dra. Claudia Luiza Paes Barreto Villaça

RESUMO

A obesidade em cães é reconhecida como a principal doença nutricional na clínica de pequenos animais e, quando associada às alergopatias, representa um desafio ainda maior para a medicina veterinária. O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir de uma revisão de literatura, a relação entre sobrepeso, obesidade e alergopatias em cães, destacando prevalência, fatores de risco, consequências metabólicas e estratégias de manejo clínico e nutricional. Foram revisados trabalhos nacionais e internacionais publicados nos últimos dez anos, os quais apontam que a obesidade é uma condição multifatorial, influenciada por aspectos genéticos, ambientais, comportamentais e pela relação com o perfil do tutor. Identificou-se que o excesso de peso contribui para um estado inflamatório crônico de baixo grau, caracterizado por alterações hormonais e imunológicas, que agravam os quadros dermatológicos, como a dermatite atópica, reações cutâneas adversas ao alimento e a dermatite alérgica à picada de pulga. Evidenciou-se ainda que cães obesos apresentam maior frequência de comorbidades associadas, como diabetes mellitus, osteoartrite, doenças respiratórias e predisposição a infecções secundárias, o que aumenta a complexidade do tratamento. A pesquisa demonstrou que o manejo clínico mais eficaz deve integrar protocolos de redução de peso, dietas hipoalergênicas, uso de nutracêuticos, imunoterapia e acompanhamento contínuo, seguindo diretrizes internacionais de nutrição e bem-estar animal. Conclui-se que a associação entre obesidade e alergopatias requer atenção multidisciplinar e estratégias individualizadas, de modo a garantir a qualidade de vida, a longevidade e a redução da prevalência dessas condições na prática clínica veterinária.

Palavras-chave: obesidade canina; alergopatias; dermatite atópica; nutrição veterinária; manejo clínico.

Sumário

RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO	6
2 DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1 METODOLOGIA	8
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.2.1. Conceitos de Sobrepeso e Obesidade em Cães.....	8
2.2.2. Fatores de Risco para Obesidade Canina.....	12
2.2.3. Consequências Metabólicas e Sistêmicas da Obesidade em Cães.....	14
2.2.4. Alergopatias em Cães: Definições e Principais Manifestações	17
2.2.5. Relação entre Obesidade e Alergopatias Caninas	20
2.2.6. Estratégias de Manejo Clínico e Nutricional em Cães Obesos e Alergopatas	23
3 CONCLUSÕES	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

O sobrepeso e a obesidade em cães são reconhecidos como um dos principais problemas de saúde na clínica de pequenos animais, sendo classificados como doenças crônicas multifatoriais que comprometem tanto a qualidade quanto a expectativa de vida dos animais. Estima-se que entre 25% e 40% da população canina mundial apresente excesso de peso, e a tendência é de crescimento contínuo, impulsionada por mudanças nos hábitos alimentares e na rotina dos tutores (Montoya, 2025; Blanchard *et al.*, 2024). No Brasil, a preocupação é semelhante, uma vez que a obesidade já figura entre os principais distúrbios diagnosticados em consultórios veterinários (Cardoso, 2025).

A obesidade canina vai além de um problema estético, constituindo um fator predisponente para diversas alterações metabólicas e inflamatórias. Hormônios como a leptina e a adiponectina apresentam padrões desregulados em cães obesos, intensificando processos inflamatórios sistêmicos e cutâneos (Maranesi *et al.*, 2020; Dall’Aglio *et al.*, 2021). Esse estado de inflamação crônica contribui para a maior susceptibilidade de doenças de pele, como as alergopatias, que figuram entre os principais motivos de atendimento na clínica de pequenos animais (Marsella, 2025).

As alergopatias caninas, em especial a dermatite atópica e as reações cutâneas adversas a alimentos, têm prevalência crescente e significativa. Os sinais clínicos, como prurido persistente, eritema, alopecia e otite recorrente, impactam diretamente o bem-estar animal (Olivry; Mueller, 2017; Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022). Além disso, tratamentos convencionais, como o uso prolongado de corticoides, podem favorecer o ganho de peso e agravar o quadro de obesidade (Silva, 2024).

Estudos recentes apontam que cães obesos podem apresentar maior severidade nos sinais clínicos das dermatopatias. Isso se deve ao acúmulo de tecido adiposo, que contribui para a intensificação da resposta inflamatória e para a disfunção imunológica da pele (Verde *et al.*, 2022; Anturaniemi *et al.*, 2020). Alterações no transcriptoma cutâneo de cães atópicos e obesos evidenciam que fatores metabólicos e imunológicos interagem de forma sinérgica, aumentando a complexidade do manejo clínico (Dall’Aglio *et al.*, 2021).

Outro ponto de relevância é a influência do perfil do tutor sobre a condição corporal dos cães. Pesquisas evidenciam que a obesidade do proprietário está associada ao maior risco de obesidade em cães, corroborando a abordagem “One Health”, que integra a saúde humana e a saúde animal (Suarez *et al.*, 2022; Porsani, 2019). Esse aspecto demonstra a importância de considerar não apenas a prática clínica, mas também o contexto familiar e os hábitos de manejo do animal (Fernandes; Belo, 2023).

No Brasil, a literatura aponta para um crescimento expressivo de cães obesos, mas ainda há subestimação dos riscos associados ao problema. Muitos tutores tratam a obesidade apenas como um excesso de peso estético, sem reconhecer suas implicações clínicas (Istoé, 2025; Nutrinews, 2023). Estudos desenvolvidos em instituições como a FMVZ-USP e a UFMG reforçam a necessidade de conscientização, tanto dos tutores quanto dos profissionais, sobre a gravidade da obesidade como doença (USP, 2019; Alla *et al.*, 2024).

O manejo nutricional surge como estratégia central tanto na obesidade quanto nas alergopatias. Protocolos que envolvem dietas hipoalergênicas e alimentos formulados para promover perda de peso sem comprometer a saúde cutânea são cada vez mais recomendados (De Santiago *et al.*, 2021; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025). Além disso, nutracêuticos e suplementos funcionais vêm sendo explorados como alternativas adjuvantes no controle da inflamação e no suporte ao sistema imunológico (Mariga *et al.*, 2023).

Diretrizes internacionais, como as da AAHA (American Animal Hospital Association) e WSAVA (World Small Animal Veterinary Association), ressaltam a importância do manejo nutricional individualizado e da educação do tutor no processo de emagrecimento de cães obesos, especialmente quando há comorbidades como dermatopatias (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). A adesão a planos de perda de peso supervisionados apresenta melhores resultados, reduzindo os riscos de recidiva e potencializando o controle clínico das alergias (Haddad *et al.*, 2024).

Apesar do avanço das pesquisas internacionais, há ainda uma lacuna de estudos nacionais que correlacionem diretamente a obesidade e as alergopatias na prática clínica. Revisões internacionais apontam a relevância do tema, mas reforçam a necessidade de investigações que considerem a realidade socioeconômica e os padrões alimentares no Brasil (Olivry; Mueller, 2017; Alla *et al.*, 2024). Tal cenário revela a importância de ampliar as pesquisas para fornecer subsídios específicos ao contexto brasileiro (ALLA *et al.*, 2024; FERNANDES; BELO, 2023).

Dessa forma, a presente pesquisa busca analisar, por meio de revisão de literatura, a prevalência de sobrepeso e obesidade em cães alergopatas, destacando fatores de risco, impactos clínicos e estratégias terapêuticas e nutricionais. Ao integrar dados nacionais e internacionais, pretende-se oferecer suporte à prática clínica veterinária e contribuir para a formulação de protocolos mais eficazes, que promovam a saúde e o bem-estar de cães com esse duplo desafio clínico (Montoya-Alonso *et al.*, 2017; Broome *et al.*, 2023).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica narrativa, com o objetivo de analisar evidências sobre a relação entre sobrepeso, obesidade e alergopatias em cães. Essa metodologia foi escolhida por possibilitar a integração crítica de estudos já publicados, permitindo compreender a prevalência, fatores de risco, repercussões metabólicas e estratégias de manejo clínico e nutricional.

A busca dos materiais foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais de relevância acadêmica considerando publicações dos últimos 10 (dez) anos, em português e inglês. Foram incluídos artigos originais, revisões, dissertações, teses e documentos institucionais diretamente relacionados ao tema. Excluíram-se trabalhos duplicados, resumos de congressos e estudos sem pertinência temática.

A seleção ocorreu em três etapas: leitura de títulos, análise de resumos e leitura integral dos trabalhos pertinentes. Os estudos foram organizados em eixos temáticos: conceitos de obesidade, fatores de risco, consequências metabólicas e sistêmicas, manifestações de alergopatias, relação entre obesidade e dermatopatias, além de estratégias de manejo clínico e nutricional.

Esse processo permitiu sistematizar as evidências disponíveis, destacando não apenas a associação entre obesidade e alergopatias em cães, mas também seus impactos clínicos e implicações para a prática veterinária. A metodologia adotada garantiu consistência científica e validade acadêmica ao estudo.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1. Conceitos de Sobrepeso e Obesidade em Cães

O sobrepeso e a obesidade em cães são definidos como o acúmulo excessivo de gordura corporal que compromete a saúde e a qualidade de vida do animal. A literatura veterinária descreve a obesidade como uma condição multifatorial, resultante da interação entre fatores genéticos, ambientais, comportamentais e nutricionais (Montoya, 2025; Blanchard *et al.*, 2024). Embora a obesidade seja frequentemente percebida apenas como um problema estético, trata-se de uma doença crônica com sérias implicações clínicas, sendo considerada atualmente a

doença nutricional mais prevalente na medicina veterinária de pequenos animais (Cardoso, 2025).

O diagnóstico de sobrepeso e obesidade em cães é realizado por meio de métodos clínicos de avaliação da condição corporal, sendo o Body Condition Score (BCS) uma das ferramentas mais utilizadas na prática clínica. A escala BCS permite a classificação do animal com base na inspeção visual e palpação corporal, auxiliando na identificação do estado nutricional e na tomada de decisões clínicas (Figura 1).

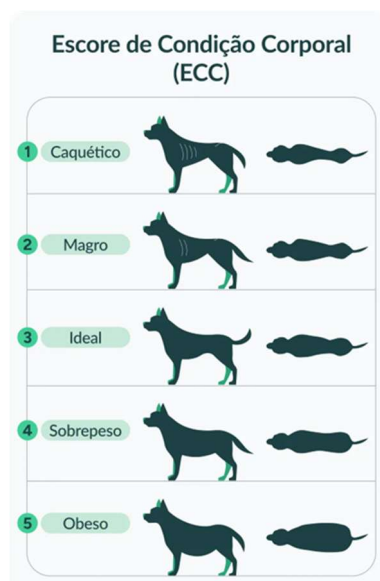


Figura 1 – Escala de avaliação da condição corporal (Body Condition Score – BCS) em cães.

Fonte: Adaptado de WSAVA Global Nutrition Guidelines.

Esse sistema baseia-se em escalas de nove pontos, em que valores entre 4 e 5 representam a condição corporal ideal, 6 a 7 correspondem a sobrepeso e 8 a 9 indicam obesidade (German *et al.*, 2017; Murphy *et al.*, 2022). A aplicação prática do BCS é acessível, mas exige treinamento adequado do médico-veterinário para reduzir a subjetividade e garantir a padronização da avaliação (WSAVA, 2023).

Além do BCS, outros métodos complementares podem ser utilizados para aumentar a precisão diagnóstica, como a aferição de índices morfométricos e a avaliação de composição corporal por técnicas avançadas, incluindo absorciometria radiológica de dupla energia (DEXA). Apesar do custo elevado, esses métodos permitem avaliar de forma mais acurada a quantidade de massa gorda e magra do animal (Porsani, 2019; Broome *et al.*, 2023). Dessa forma, a associação entre técnicas objetivas e o escore corporal melhora a qualidade do diagnóstico e a definição do plano terapêutico.

A prevalência de sobrepeso e obesidade em cães tem crescido de forma preocupante em todo o mundo. Estima-se que entre 25% e 40% dos cães estejam acima do peso, dependendo da população e dos critérios utilizados (Montoya-Alonso *et al.*, 2017; Suarez *et al.*, 2022). No Brasil, pesquisas indicam que a obesidade já se configura como uma das principais doenças de origem nutricional, afetando cães de diferentes portes e idades (USP, 2019; Alla *et al.*, 2024). Esse cenário reforça a necessidade de políticas de conscientização e estratégias preventivas direcionadas à saúde animal.

Diversos fatores de risco contribuem para a instalação do sobrepeso. Entre os principais, destacam-se o sedentarismo, dietas hipercalóricas, castração, predisposição genética de determinadas raças e até mesmo a condição corporal dos tutores (Suarez *et al.*, 2022; Fernandes; Belo, 2023). Estudos demonstram que cães de tutores obesos apresentam maior probabilidade de desenvolver obesidade, evidenciando a influência do ambiente familiar na saúde do animal (Porsani, 2019). Esse achado corrobora a abordagem “One Health”, integrando saúde humana e animal.

As principais consequências clínicas associadas à obesidade em cães estão sintetizadas na Tabela 1, evidenciando o caráter sistêmico dessa condição e seu impacto sobre diferentes sistemas orgânicos. Além disso, o acúmulo de gordura corporal contribui para um estado inflamatório crônico, prejudicando a resposta imunológica e aumentando a susceptibilidade a infecções e condições dermatológicas, como as alergopatias (Dall’Aglio *et al.*, 2021; Marsella, 2025).

As principais consequências clínicas associadas à obesidade em cães estão sintetizadas na **Tabela 1**, evidenciando o caráter sistêmico da condição e seu impacto sobre diferentes sistemas orgânicos.

TABELA 1 – Principais consequências clínicas associadas à obesidade em cães:

Sistema afetado	Principais consequências clínicas	Referências
Metabólico	Diabetes mellitus, alterações endócrinas	Marchi; German (2022); Maranesi et al. (2020)
Cardiovascular	Doenças cardiovasculares	Marchi; German (2022)
Osteoarticular	Osteoartrite e limitação locomotora	Maranesi et al. (2020)
Respiratório	Alterações respiratórias	Marchi; German (2022)
Oncológico	Predisposição a neoplasias	Maranesi et al. (2020)
Imunológico/Inflamatório	Inflamação crônica, resposta imune prejudicada	Dall’Aglio et al. (2021)
Dermatológico	Alergopatias e infecções cutâneas	Marsella (2025)

A relação entre obesidade e inflamação crônica é explicada pela atuação de adipocinas, como a leptina e a adiponectina. Enquanto a leptina exerce efeito pró-inflamatório, a adiponectina tem papel anti-inflamatório, mas sua concentração tende a diminuir em animais obesos (Maranesi *et al.*, 2020; Dall’Aglia *et al.*, 2021). Essa desregulação hormonal contribui para o agravamento de doenças inflamatórias, incluindo dermatites alérgicas, e justifica a necessidade de um manejo clínico integrado para cães obesos e alergopatas.

Outro impacto clínico relevante da obesidade é a redução da expectativa de vida. Estudos mostram que cães obesos vivem, em média, dois anos a menos do que cães com condição corporal adequada (Montoya, 2025; Murphy *et al.*, 2022). Além disso, a qualidade de vida desses animais é prejudicada por limitações locomotoras, dificuldade respiratória, predisposição a infecções e redução da capacidade imunológica (Broome *et al.*, 2023). Esse conjunto de fatores reforça a gravidade da obesidade como doença sistêmica.

Na prática clínica, a obesidade também representa um desafio terapêutico. Planos de redução de peso exigem engajamento contínuo do tutor e acompanhamento periódico do médico-veterinário. Diretrizes internacionais, como as publicadas pela AAHA e WSAVA, recomendam protocolos individualizados, que considerem não apenas a redução calórica, mas também o manejo de comorbidades associadas (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). A adesão do tutor é determinante para o sucesso do tratamento, mas muitos ainda subestimam os riscos da obesidade (Istoé, 2025).

No contexto brasileiro, dados recentes demonstram que grande parte dos tutores não reconhece a obesidade como uma doença, tratando-a apenas como excesso de peso estético (Nutrinews, 2023; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025). Essa percepção equivocada dificulta a implementação de medidas preventivas e terapêuticas, além de reforçar a importância de campanhas educativas voltadas à conscientização sobre os impactos clínicos da obesidade canina.

As consequências da obesidade vão além do aspecto físico, atingindo também a esfera comportamental dos animais. Cães obesos apresentam menor disposição para atividades físicas, maior irritabilidade e redução da interação social, fatores que podem comprometer o vínculo humano-animal (Fernandes; Belo, 2023; Alla *et al.*, 2024). Esses efeitos indiretos tornam a obesidade uma condição que demanda atenção multiprofissional, envolvendo médicos-veterinários, zootecnistas e até educadores de tutores.

A literatura ainda aponta que o manejo da obesidade deve ser acompanhado por estratégias de prevenção, considerando que a reversão da condição é mais difícil do que sua prevenção (German *et al.*, 2017; Haddad *et al.*, 2024). Assim, recomenda-se que programas de

educação nutricional sejam inseridos já nas primeiras consultas de filhotes, com o objetivo de orientar tutores quanto às práticas adequadas de manejo alimentar e atividade física.

Assim, o estudo da obesidade em cães não deve ser desvinculado de suas implicações em saúde pública. A condição reflete, em grande medida, os hábitos alimentares e o estilo de vida dos tutores, o que reforça a necessidade de integração entre a medicina veterinária e a medicina humana no enfrentamento da obesidade, tanto em cães quanto em pessoas (Suarez *et al.*, 2022; Porsani, 2019). Nesse sentido, o aprofundamento do conceito de obesidade canina contribui não apenas para a clínica veterinária, mas também para a compreensão das interfaces entre saúde animal, humana e ambiental.

2.2.2. Fatores de Risco para Obesidade Canina

A obesidade em cães é considerada uma doença multifatorial, resultado da interação de diferentes fatores que se sobrepõem e se potencializam. Entre eles, destacam-se a predisposição genética, o ambiente em que o animal está inserido, os hábitos alimentares e o nível de atividade física (Montoya, 2025; Blanchard *et al.*, 2024). Essa complexidade torna o controle da obesidade um desafio clínico, já que não basta reduzir a ingestão calórica, sendo necessário compreender o contexto global da vida do animal e de seu tutor (German *et al.*, 2017).

A predisposição genética é um dos aspectos mais estudados. Algumas raças, como Labrador Retriever, Beagle e Dachshund, apresentam maior risco de desenvolver obesidade, sugerindo a participação de fatores hereditários ligados ao metabolismo energético e à regulação da saciedade (Marchi; German, 2022; Porsani, 2019). Essa herança genética pode ser agravada pela ausência de protocolos preventivos, visto que muitos tutores desconhecem que a predisposição de determinadas raças exige maior vigilância clínica e nutricional (Fernandes; Belo, 2023).

Além dos aspectos genéticos, fatores ambientais exercem grande influência no desenvolvimento da obesidade. Cães que vivem em ambientes urbanos, em espaços reduzidos e com pouco acesso a áreas externas, têm maior tendência ao sedentarismo, o que contribui diretamente para o acúmulo de gordura corporal (Suarez *et al.*, 2022; Alla *et al.*, 2024). Nesse contexto, a urbanização crescente e a rotina dos tutores, muitas vezes marcada pela falta de tempo, acabam por restringir a prática de exercícios regulares pelos animais.

O manejo alimentar é outro fator central na gênese da obesidade. A prática de oferecer petiscos em excesso, restos de comida humana ou dietas industrializadas hipercalóricas está diretamente relacionada ao aumento de peso em cães (Cardoso, 2025; Nutrinews, 2023). Muitos

tutores desconhecem as reais necessidades nutricionais dos animais e superestimam a quantidade de alimento oferecida, o que cria um desequilíbrio energético difícil de ser revertido (Lopez; Rodrigues; Higa, 2025).

O sedentarismo é apontado como um dos principais fatores predisponentes. Cães com baixa atividade física apresentam menor gasto energético, favorecendo o balanço calórico positivo (Montoya-Alonso *et al.*, 2017; Haddad *et al.*, 2024). Além disso, a inatividade pode desencadear alterações comportamentais, como ansiedade e agressividade, que acabam levando os tutores a utilizar alimentos como forma de compensação, agravando ainda mais o quadro de sobrepeso (Fernandes; Belo, 2023).

A castração também aparece frequentemente na literatura como fator de risco. Embora seja uma prática importante para o controle populacional, a castração reduz o metabolismo basal e pode alterar a regulação hormonal, favorecendo o ganho de peso (Marchi; German, 2022; WSAVA, 2023). Estudos mostram que cães castrados têm risco significativamente maior de desenvolver obesidade, especialmente quando não há ajustes adequados na dieta e no nível de atividade física após o procedimento.

Outro aspecto de destaque, apesar do uso de outros medicamentos, é o uso prolongado de determinados fármacos, como os corticoides, comumente utilizados no manejo de alergopatias. Esses medicamentos podem induzir aumento do apetite e retenção hídrica, contribuindo para o ganho de peso (Silva, 2024). Assim, cães alérgicos tratados cronicamente com corticoides representam um grupo de risco importante para o desenvolvimento de obesidade, o que exige acompanhamento clínico ainda mais rigoroso (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022).

Estudos também destacam que a falta de conscientização dos tutores é um dos principais entraves no combate à obesidade canina. Muitos não reconhecem que seus animais estão acima do peso e subestimam os riscos da condição (Istoé, 2025; USP, 2019). Esse desconhecimento dificulta a adesão a programas de manejo nutricional e redução de peso, comprometendo os resultados clínicos e a qualidade de vida do animal.

O comportamento do tutor também representa um fator determinante para a obesidade canina. Há evidências de que cães de tutores obesos têm maior probabilidade de também apresentar excesso de peso, o que reforça a teoria da influência familiar na saúde animal (Suarez *et al.*, 2022; Porsani, 2019). Destaca-se que a saúde animal reflete os hábitos de vida da família, incluindo alimentação inadequada e falta de estímulo à atividade física (Fernandes; Belo, 2023).

Os fatores comportamentais dos tutores vão além da percepção do peso. O hábito de recompensar os cães com alimentos em momentos de afeto e socialização reforça padrões

alimentares inadequados, que se consolidam ao longo do tempo (Lopez; Rodrigues; Higa, 2025). Esse comportamento, associado à baixa adesão a atividades físicas, cria um ambiente propício ao desenvolvimento da obesidade, tanto em cães quanto em seus tutores (Suarez *et al.*, 2022).

Diante dessa multiplicidade de fatores de risco, torna-se evidente que a obesidade canina não pode ser entendida de forma isolada. Trata-se de um fenômeno complexo que exige abordagem multidisciplinar, envolvendo não apenas a clínica veterinária, mas também estratégias educativas voltadas para os tutores (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). A prevenção deve ser priorizada, considerando que o tratamento da obesidade é mais difícil e demorado do que sua prevenção (German *et al.*, 2017).

Desta forma, a obesidade em cães resulta da interação de fatores genéticos, ambientais, comportamentais, dietéticos e iatrogênicos, sendo agravada pela relação direta com o perfil dos tutores. Reconhecer esses fatores é essencial para desenvolver estratégias de prevenção e intervenção eficazes, capazes de reduzir a prevalência da doença e promover a saúde e o bem-estar animal (Montoya, 2025; Alla *et al.*, 2024). Assim, o enfrentamento da obesidade canina demanda não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade para compreender o contexto em que o animal está inserido.

Nesse contexto, especialmente em cães obesos com suspeita ou diagnóstico de alergopatias, torna-se fundamental a investigação adequada dos agentes desencadeantes por meio de testes alérgicos, como dietas de exclusão e testes específicos, quando indicados. A identificação do fator alergênico permite direcionar condutas terapêuticas mais precisas, reduzindo a necessidade de uso prolongado de fármacos com potencial efeito obesogênico.

No mais, associado a isso, o emprego de dietas hipoalergênicas assume papel estratégico, não apenas por minimizar estímulos antigênicos e inflamatórios, mas também por possibilitar o controle calórico e o manejo nutricional adequado. Dessa forma, a abordagem conjunta entre diagnóstico alérgico e ação hipoalergênica contribui para o controle das manifestações clínicas, favorece a redução do peso corporal e promove melhores desfechos clínicos em cães com obesidade e alergopatias associadas (Olivry; Mueller, 2017; Anturaniemi *et al.*, 2020; WSAVA, 2023).

2.2.3. Consequências Metabólicas e Sistêmicas da Obesidade em Cães

A obesidade canina é reconhecida como uma doença crônica de natureza endócrino-metabólica, que afeta múltiplos sistemas orgânicos. O excesso de tecido adiposo não representa

apenas um acúmulo de reserva energética, mas um órgão metabolicamente ativo, capaz de secretar hormônios e mediadores inflamatórios que alteram a homeostase corporal (Maranesi *et al.*, 2020; Dall'Aglio *et al.*, 2021). Esse entendimento reflete o caráter sistêmico da obesidade, que deve ser considerada não apenas como excesso de peso, mas como um distúrbio complexo que repercute em diferentes funções orgânicas (Montoya, 2025).

Do ponto de vista endócrino, destaca-se a alteração na secreção de adipocinas, substâncias produzidas pelo tecido adiposo que regulam processos metabólicos e imunológicos. Entre elas, a leptina desempenha papel central no controle da saciedade e do gasto energético, mas em cães obesos ocorre um quadro de resistência à leptina, no qual, apesar da concentração elevada do hormônio, o organismo não responde adequadamente a seus efeitos (Maranesi *et al.*, 2020). Esse fenômeno contribui para a perpetuação da obesidade e para a dificuldade de reversão clínica do quadro (German *et al.*, 2017).

Outra adipocina de grande importância é a adiponectina, que apresenta propriedades anti-inflamatórias e atua na melhora da sensibilidade à insulina. Contudo, estudos demonstram que cães obesos apresentam redução significativa nos níveis de adiponectina, o que favorece o desenvolvimento de resistência insulínica e aumenta a predisposição para diabetes mellitus (Dall'Aglio *et al.*, 2021; Marchi; German, 2022). A queda da adiponectina reforça o caráter pró-inflamatório da obesidade, criando um ambiente sistêmico propício ao surgimento de comorbidades.

Nesse contexto, a obesidade canina está intimamente relacionada a um estado de inflamação crônica de baixo grau, sustentado pela liberação contínua de citocinas inflamatórias. Essa inflamação sistêmica contribui para a deterioração de tecidos e órgãos, além de intensificar quadros clínicos preexistentes, como doenças dermatológicas, respiratórias e ortopédicas (Marsella, 2025; Verde *et al.*, 2022). Em cães alérgicos, esse processo inflamatório adicional pode agravar a severidade dos sinais cutâneos, dificultando o manejo clínico das alergopatias (Anturaniemi *et al.*, 2020).

Entre as doenças metabólicas associadas à obesidade, o diabetes mellitus é uma das mais relevantes, sendo caracterizado pela hiperglicemia persistente resultante da resistência à insulina. Cães obesos apresentam maior predisposição a essa condição, que requer manejo nutricional rigoroso e, em muitos casos, terapia medicamentosa (Suarez *et al.*, 2022; Haddad *et al.*, 2024). Além do diabetes, há forte correlação entre obesidade e dislipidemias, que alteram o metabolismo lipídico e aumentam o risco de doenças cardiovasculares (Montoya-Alonso *et al.*, 2017).

As consequências ortopédicas também são amplamente relatadas na literatura. O

excesso de peso sobrecarrega as articulações, predispondo os cães à osteoartrite e a outras doenças articulares degenerativas. Esse impacto locomotor reduz a mobilidade do animal e cria um ciclo vicioso, no qual a dor articular leva à redução da atividade física, o que agrava ainda mais o ganho de peso (German *et al.*, 2017; Broome *et al.*, 2023). Portanto, a obesidade deve ser vista como fator de risco direto para o desenvolvimento de doenças ortopédicas incapacitantes.

No campo das doenças respiratórias, cães obesos apresentam maior predisposição a condições como a síndrome braquicefálica e a intolerância ao exercício. O acúmulo de gordura na região torácica e abdominal compromete a mecânica respiratória, dificultando a ventilação adequada e aumentando o risco de hipóxia durante esforços físicos (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). Esses efeitos repercutem diretamente na qualidade de vida e podem predispor a complicações em situações de estresse ou durante procedimentos anestésicos.

Do ponto de vista oncológico, estudos sugerem que a obesidade em cães pode estar associada ao aumento da incidência de determinados tipos de neoplasias, como os tumores mamários e linfomas. O ambiente inflamatório crônico e a alteração nas adipocinas criam condições favoráveis para a proliferação celular descontrolada (Marchi; German, 2022). Embora ainda sejam necessários estudos mais aprofundados para confirmar essa associação, a obesidade já é considerada fator de risco potencial para câncer em animais (Maranesi *et al.*, 2020).

Outra consequência relevante da obesidade é a redução da expectativa de vida. Pesquisas apontam que cães obesos podem viver até dois anos a menos do que cães com condição corporal ideal, devido ao impacto sistêmico das comorbidades associadas (Montoya, 2025; Murphy *et al.*, 2022). Além da longevidade reduzida, há significativa perda na qualidade de vida, marcada por limitações físicas, predisposição a doenças crônicas e maior demanda por cuidados veterinários (Blanchard *et al.*, 2024).

É importante destacar também os efeitos da obesidade no sistema imunológico. Cães obesos apresentam menor eficiência na resposta imunológica, o que os torna mais suscetíveis a infecções e dificulta a recuperação de doenças preexistentes. Em animais com alergopatias, essa condição imunológica comprometida agrava o curso clínico das dermatites, exigindo protocolos terapêuticos mais agressivos e acompanhamento constante (Olivry; Mueller, 2017; Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022). Essa relação confirma que a obesidade atua como fator agravante de condições inflamatórias crônicas.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a obesidade canina não pode ser considerada apenas como excesso de peso, mas como uma síndrome metabólica de caráter

sistêmico. Suas consequências endócrinas, inflamatórias e imunológicas afetam múltiplos órgãos, ampliando o risco de comorbidades e comprometendo tanto a qualidade quanto a expectativa de vida dos animais (German *et al.*, 2017; WSAVA, 2023). Portanto, compreender essas implicações é fundamental para que médicos-veterinários adotem uma abordagem integrada, voltada não apenas à redução do peso, mas à prevenção e ao manejo das doenças associadas.

2.2.4. Alergotopias em Cães: Definições e Principais Manifestações

As alergopatias em cães constituem um grupo de doenças dermatológicas de origem imunológica, caracterizadas por hipersensibilidade a diferentes antígenos ambientais ou alimentares. Elas estão entre as condições mais comuns atendidas na clínica de pequenos animais, representando até 30% das consultas dermatológicas (Olivry; Mueller, 2017; Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022). Apesar de apresentarem manifestações clínicas semelhantes, essas doenças possuem etiologias distintas e exigem diagnósticos diferenciados para manejo adequado.

A dermatite atópica canina (DAC) é a alergopatia mais prevalente, definida como uma condição inflamatória crônica associada à predisposição genética para o desenvolvimento de sinais clínicos de hipersensibilidade a alérgenos ambientais, como ácaros da poeira, pólen e fungos, podendo coexistir ou ser confundida com hipersensibilidade alimentar, especialmente nos estágios iniciais da doença (Marsella, 2025; Anturaniemi *et al.*, 2020)..

Do ponto de vista clínico, a dermatite atópica manifesta-se principalmente por prurido intenso, eritema, alopecia e lesões secundárias decorrentes do ato de coçar. As áreas mais afetadas são as regiões de dobras cutâneas, abdômen ventral, face e extremidades (O'Neill *et al.*, 2022). Em muitos casos, há recorrência de otite externa crônica, que pode ser considerada um marcador clínico da atopia (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022).

A resposta imunológica na dermatite atópica envolve uma hiperatividade das células T auxiliares do tipo 2 (Th2), que promovem aumento da produção de imunoglobulina E (IgE). Essa resposta desregulada gera liberação exacerbada de mediadores inflamatórios, responsáveis pelo prurido e pela inflamação cutânea (Anturaniemi *et al.*, 2020; Verde *et al.*, 2022). Além disso, cães atópicos apresentam disfunção na barreira cutânea, o que facilita a penetração de alérgenos e microorganismos oportunistas.

Já as reações cutâneas adversas ao alimento (RCAA) constituem outra forma relevante de alergopatia, resultando de hipersensibilidade a proteínas alimentares, como carne bovina,

frango, leite ou soja. Ao contrário da dermatite atópica, as RCAA podem se manifestar em qualquer idade, inclusive em cães idosos (Olivry; Mueller, 2017; De Santiago *et al.*, 2021). Os sinais clínicos incluem prurido generalizado, eritema e lesões alopecicas, muitas vezes indistinguíveis da dermatite atópica.

O diagnóstico das RCAA é desafiador e exige a realização de dietas de eliminação, com alimentos hipoalergênicos ou proteínas hidrolisadas, por pelo menos oito semanas. A melhora clínica após esse período, seguida de recidiva dos sinais após reintrodução da dieta original, confirma o diagnóstico (Lopez; Rodrigues; Higa, 2025; Mariga *et al.*, 2023). Por essa razão, a dieta de eliminação é considerada o padrão-ouro no diagnóstico de alergias alimentares em cães.

A distinção entre dermatite atópica e reações adversas ao alimento é, portanto, fundamental, embora desafiadora, já que ambas compartilham manifestações clínicas semelhantes. Estudos sugerem que até 30% dos cães diagnosticados inicialmente com dermatite atópica, na verdade, apresentam alergia alimentar ou uma combinação das duas condições (Olivry; Mueller, 2017). Essa sobreposição dificulta o manejo clínico e exige protocolos diagnósticos precisos.

Outro tipo de alergopatía bastante comum é a hipersensibilidade a ectoparasitas, especialmente à saliva da pulga, conhecida como dermatite alérgica à picada de pulga (DAPP). Essa condição ocorre em cães sensibilizados a antígenos presentes na saliva do ectoparasita, causando prurido intenso, dermatite papulocrustosa e alopecia, principalmente na região lombossacral (German *et al.*, 2017; Alla *et al.*, 2024). O controle efetivo da ectoparasitose é essencial para o tratamento e prevenção da DAPP.

As manifestações clínicas das alergopatias apresentam impacto significativo na qualidade de vida do cão. O prurido persistente leva ao desconforto constante, alterações comportamentais e até distúrbios do sono, comprometendo o bem-estar geral do animal (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022; Marsella, 2025). Além disso, o desconforto prolongado frequentemente resulta em estresse nos tutores, refletindo na relação humano-animal.

Do ponto de vista imunológico, as alergopatias caninas compartilham a característica de uma resposta inflamatória exacerbada e desregulada. Enquanto na atopia prevalece a resposta Th2 com aumento da IgE, nas alergias alimentares há também envolvimento da imunidade celular, com linfócitos T e mediadores inflamatórios locais (Anturaniemi *et al.*, 2020; Verde *et al.*, 2022). Essa diversidade de mecanismos reforça a necessidade de abordagens terapêuticas direcionadas para cada caso.

A literatura também descreve a importância de fatores ambientais e nutricionais como

moduladores da gravidade das alergopatias. Ambientes com alta carga de ácaros, pólen ou fungos podem intensificar os sinais clínicos da dermatite atópica (Marsella, 2025). Da mesma forma, dietas mal formuladas ou com presença de aditivos potencialmente alergênicos favorecem o surgimento de reações cutâneas adversas (De Santiago *et al.*, 2021; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025).

As otites recorrentes, frequentemente observadas em cães alérgicos, são consideradas manifestações associadas às alergopatias. Estima-se que até 80% dos cães com dermatite atópica apresentem otite externa crônica durante a vida (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022). Essa condição secundária exige tratamento contínuo e pode agravar o desconforto e a dor, reduzindo ainda mais a qualidade de vida do animal.

Outro aspecto importante é a predisposição racial para alergopatias. Raças como West Highland White Terrier, Boxer, Bulldog Inglês e Pastor Alemão são relatadas como mais suscetíveis à dermatite atópica (Marsella, 2025; Verde *et al.*, 2022). Esse fator genético reforça a necessidade de protocolos preventivos mais rigorosos nessas populações específicas.

Os fatores sazonais também influenciam o curso clínico das alergopatias. Durante determinadas épocas do ano, há aumento da exposição a pólen e outros alérgenos ambientais, intensificando os sinais clínicos nos cães atópicos (Marsella, 2025). Por essa razão, o monitoramento sazonal é recomendado para ajustar o manejo clínico e reduzir as recidivas.

A presença de alergopatias crônicas em cães implica ainda em aumento da predisposição a infecções secundárias. A barreira cutânea comprometida facilita a colonização por bactérias e fungos, o que agrava os sinais clínicos e dificulta o tratamento (Olivry; Mueller, 2017; O'Neill *et al.*, 2022). Assim, muitas vezes é necessário associar terapias antimicrobianas ao manejo antialérgico.

Embora as terapias convencionais, como corticoides e anti-histamínicos, proporcionem alívio dos sintomas, elas podem causar efeitos colaterais significativos, incluindo ganho de peso e predisposição a obesidade (Silva, 2024). Dessa forma, pesquisas recentes têm se concentrado em alternativas terapêuticas, como nutracêuticos, imunoterapia alérgeno-específica e dietas funcionais, que apresentam resultados promissores (Mariga *et al.*, 2023).

Portanto, as alergopatias em cães devem ser compreendidas como doenças complexas e multifatoriais, cuja expressão clínica depende da interação entre predisposição genética, fatores ambientais e alterações imunológicas. Reconhecer as manifestações mais comuns e os mecanismos envolvidos é essencial para o diagnóstico precoce e o manejo clínico adequado (Marsella, 2025; Olivry; Mueller, 2017).

Em síntese, compreender os diferentes tipos de alergopatias, suas manifestações clínicas

e os mecanismos imunológicos subjacentes permite ao médico-veterinário adotar estratégias diagnósticas e terapêuticas mais eficazes. Esse conhecimento contribui para melhorar a qualidade de vida dos cães acometidos e fortalece a relação entre tutor e animal, diminuindo o impacto das doenças crônicas na prática clínica (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025).

2.2.5. Relação entre Obesidade e Alergopatias Caninas

A obesidade em cães, além de representar uma condição nutricional e metabólica, tem sido associada de maneira consistente ao agravamento de doenças inflamatórias crônicas, entre elas as alergopatias dermatológicas. O acúmulo excessivo de gordura corporal cria um ambiente de inflamação sistêmica de baixo grau, capaz de intensificar a resposta imunológica exacerbada que caracteriza a dermatite atópica e outras formas de hipersensibilidade (Maranesi *et al.*, 2020; Dall’Aglío *et al.*, 2021). Esse quadro sugere que a obesidade não atua isoladamente, mas como um modulador da gravidade clínica das alergias cutâneas.

Pesquisas apontam que o tecido adiposo é metabolicamente ativo e secreta mediadores pró-inflamatórios, como a leptina e o fator de necrose tumoral alfa (TNF- α). Em cães obesos, os níveis elevados dessas substâncias intensificam o estado inflamatório sistêmico, o que se reflete na exacerbação da inflamação cutânea, promovendo prurido mais intenso, lesões mais graves e maior predisposição a infecções secundárias (Verde *et al.*, 2022; Anturaniemi *et al.*, 2020). Esse mecanismo explica por que cães com excesso de peso podem apresentar manifestações alérgicas mais persistentes e refratárias ao tratamento convencional.

Do ponto de vista imunológico, a obesidade altera o equilíbrio das células T auxiliares, favorecendo a resposta Th1/Th2 de maneira desregulada. Enquanto a dermatite atópica se caracteriza por um predomínio da resposta Th2 e aumento da produção de IgE, a obesidade amplifica essa resposta, potencializando a liberação de citocinas inflamatórias (Marsella, 2025). Dessa forma, o estado corporal do animal interfere diretamente na fisiopatologia da alergopatía, tornando-a mais severa.

Estudos realizados em cães obesos confirmam que a redução da adiponectina, adipocina com propriedades anti-inflamatórias, contribui para a perda do controle imunológico e para a manutenção de processos inflamatórios crônicos (Dall’Aglío *et al.*, 2021). Esse achado é particularmente relevante em cães alérgicos, visto que a deficiência de adiponectina compromete a capacidade de modular a inflamação cutânea, intensificando a severidade da dermatite. Assim, a obesidade pode ser entendida como fator coadjuvante no agravamento da

hipersensibilidade.

Outro ponto importante é que cães obesos frequentemente apresentam barreira cutânea mais comprometida, o que facilita a penetração de alérgenos ambientais e alimentares. Essa fragilidade da pele cria um círculo vicioso, no qual a exposição contínua a antígenos agrava a dermatite, levando a episódios recorrentes de prurido e inflamação (Olivry; Mueller, 2017; O'Neill *et al.*, 2022). A obesidade, portanto, atua tanto no nível sistêmico quanto na integridade da barreira cutânea, ampliando os efeitos negativos das alergopatias.

Do ponto de vista clínico, cães obesos com alergopatias apresentam maior frequência de otites externas crônicas, infecções bacterianas e fúngicas secundárias e dermatite generalizada de difícil controle. Esses quadros demandam maior tempo de tratamento, maior uso de medicamentos e mais consultas veterinárias, o que eleva os custos para os tutores e a carga de sofrimento para os animais (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025). A associação entre obesidade e alergopatias revela, portanto, um impacto significativo na saúde pública veterinária.

A literatura também sugere que a obesidade pode reduzir a eficácia de algumas terapias convencionais, como os corticoides e os anti-histamínicos. O metabolismo alterado em cães obesos compromete a resposta farmacológica, prolongando os sinais clínicos e dificultando a remissão das lesões (Silva, 2024). Assim, o controle de peso deve ser entendido não apenas como uma medida preventiva, mas como parte integrante do tratamento de alergopatias em cães.

Outro aspecto crítico refere-se ao papel da obesidade no estresse oxidativo. Animais obesos apresentam maior produção de radicais livres, o que compromete a resposta antioxidante endógena e intensifica a inflamação tecidual (Marchi; German, 2022). Em cães alérgicos, esse processo adiciona uma camada de complexidade ao quadro clínico, tornando as dermatites mais resistentes e duradouras. Esse mecanismo pode justificar a necessidade de associar nutracêuticos antioxidantes como adjuvantes terapêuticos em cães obesos e alérgicos.

Além dos mecanismos fisiopatológicos, há evidências epidemiológicas que reforçam a associação entre obesidade e alergopatias. Estudos de prevalência realizados em diferentes países mostram que cães obesos apresentam maior probabilidade de serem diagnosticados com dermatite atópica e reações cutâneas adversas a alimentos (Montoya-Alonso *et al.*, 2017; Blanchard *et al.*, 2024). Essa correlação sugere que a obesidade deve ser considerada fator de risco independente para o desenvolvimento e agravamento das alergopatias.

No Brasil, ainda são escassos os estudos que abordam de forma específica a interação entre obesidade e alergopatias em cães. No entanto, relatos de casos e levantamentos regionais

indicam que cães obesos apresentam quadros alérgicos mais severos e maior necessidade de terapias múltiplas (Alla *et al.*, 2024; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025). Essa lacuna científica reforça a importância de ampliar a investigação sobre o tema, considerando as particularidades nutricionais e ambientais da realidade brasileira.

Do ponto de vista crítico, é importante ressaltar que a obesidade não deve ser entendida apenas como consequência de erros alimentares ou de manejo, mas também como um fator modificador da resposta imunológica. Ao potencializar a inflamação e comprometer a regulação hormonal, a obesidade contribui ativamente para a perpetuação das alergopatias (Dall’Aglio *et al.*, 2021; Verde *et al.*, 2022). Essa constatação exige que o médico-veterinário incorpore o controle de peso como elemento essencial no manejo clínico das dermatites.

Em cães obesos com alergopatias, os programas de emagrecimento têm mostrado resultados promissores na melhora dos sinais clínicos dermatológicos. Estudos apontam que a redução de peso associada a dietas hipoalergênicas diminui significativamente o prurido e a severidade das lesões cutâneas (De Santiago *et al.*, 2021; Mariga *et al.*, 2023). Esse dado reforça que a perda de peso deve ser considerada parte integrante do tratamento das alergias, e não uma medida paralela.

Outro ponto relevante é que a obesidade pode influenciar negativamente a adesão ao tratamento por parte dos tutores. Animais obesos frequentemente exigem maior número de consultas e medicações, o que aumenta os custos e o tempo investido pelos proprietários. Em muitos casos, isso leva à interrupção precoce dos protocolos, comprometendo os resultados clínicos (Fernandes; Belo, 2023; Istoé, 2025). Assim, a conscientização dos tutores sobre a importância do controle de peso é determinante para o sucesso terapêutico.

Portanto, a relação entre obesidade e alergopatias em cães deve ser entendida como uma interação bidirecional: enquanto o excesso de peso agrava os processos inflamatórios e imunológicos, as próprias alergopatias, quando tratadas com fármacos como corticoides, podem induzir ganho de peso e agravar a obesidade (Silva, 2024). Essa retroalimentação negativa reforça a complexidade clínica desses pacientes e a necessidade de protocolos individualizados.

Neste interim, a obesidade em cães atua como fator de risco, agravante e modulador da gravidade das alergopatias dermatológicas. Ao comprometer a resposta imunológica, aumentar a inflamação sistêmica e reduzir a eficácia terapêutica, o excesso de peso intensifica a dificuldade do manejo clínico e reduz a qualidade de vida dos animais. Dessa forma, estratégias de prevenção e controle da obesidade devem ser incorporadas de maneira indissociável ao tratamento das alergopatias, promovendo resultados mais eficazes e duradouros (Montoya, 2025; Marsella, 2025).

2.2.6. Estratégias de Manejo Clínico e Nutricional em Cães Obesos e Alergopatias

O manejo clínico de cães obesos e alérgicos exige uma abordagem integrada, que contemple simultaneamente a redução do peso corporal e o controle das manifestações dermatológicas. Não se trata apenas de reduzir a ingestão calórica, mas de formular protocolos individualizados que atendam às necessidades específicas de cada paciente, considerando o estado nutricional, a gravidade da alergopatia e a condição metabólica (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). Essa visão global é essencial para promover tanto a saúde dermatológica quanto a metabólica.

Os protocolos de redução de peso têm como base a criação de um balanço energético negativo, por meio da diminuição controlada da ingestão calórica e do estímulo ao gasto energético. Para cães obesos, recomenda-se uma perda gradual de 1 a 2% do peso corporal por semana, de forma a evitar deficiências nutricionais e complicações metabólicas (Haddad *et al.*, 2024). O sucesso desse processo depende da colaboração do tutor, que deve ser orientado sobre a importância da adesão ao programa e dos riscos da obesidade (Istoé, 2025).

Nesse contexto, as dietas hipoalergênicas assumem papel central no manejo de cães obesos com alergopatias. Essas formulações devem combinar restrição calórica com proteínas hidrolisadas ou novas fontes proteicas, capazes de reduzir a resposta imunológica exacerbada. Estudos apontam que dietas hipoalergênicas adaptadas para controle de peso reduzem simultaneamente o prurido e a severidade das lesões dermatológicas, além de favorecerem o emagrecimento gradual (De Santiago *et al.*, 2021; Lopez; Rodrigues; Higa, 2025).

As diretrizes da AAHA e da WSAVA reforçam que o manejo nutricional de cães obesos e alérgicos deve ser individualizado, evitando a simples redução de ração convencional. A escolha do alimento deve levar em conta a presença de comorbidades, como diabetes mellitus ou doenças ortopédicas, que também estão relacionadas à obesidade (Murphy *et al.*, 2022; WSAVA, 2023). Essa personalização garante que a dieta contribua tanto para a perda de peso quanto para a melhora clínica da alergopatia.

Além das dietas específicas, os nutracêuticos vêm sendo cada vez mais explorados como aliados no tratamento de cães obesos e alérgicos. Compostos como ácidos graxos ômega-3, antioxidantes naturais, prebióticos e probióticos apresentam propriedades anti-inflamatórias e imunomoduladoras, reduzindo a intensidade do prurido e a severidade das lesões cutâneas (Mariga *et al.*, 2023). O uso desses suplementos, associado a dietas hipoalergênicas, pode potencializar os resultados clínicos e reduzir a necessidade de fármacos convencionais.

Os ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa, especialmente EPA e DHA, são os mais estudados entre os nutracêuticos para cães alérgicos. Eles modulam a produção de eicosanoides pró-inflamatórios, atenuando a resposta inflamatória e melhorando a função da barreira cutânea (Anturaniemi *et al.*, 2020; Verde *et al.*, 2022). Em cães obesos, o uso desses compostos também auxilia no metabolismo lipídico, favorecendo a redução da gordura corporal.

Outro recurso adjuvante é a utilização de antioxidantes, como vitamina E e polifenóis, que atuam na redução do estresse oxidativo associado à obesidade e às alergopatias. O estresse oxidativo compromete a integridade celular e amplifica processos inflamatórios, razão pela qual o uso de antioxidantes tem mostrado benefícios clínicos em cães obesos e atópicos (Marchi; German, 2022). Dessa forma, os nutracêuticos devem ser considerados elementos importantes em protocolos multimodais de tratamento.

O acompanhamento clínico é indispensável no manejo desses pacientes. Consultas periódicas permitem monitorar a evolução do peso corporal, a resposta clínica às dietas hipoalergênicas e a necessidade de ajustes terapêuticos. Recomenda-se reavaliações quinzenais ou mensais nos primeiros meses de tratamento, com registro detalhado do escore corporal e da gravidade das lesões dermatológicas (Haddad *et al.*, 2024; Blanchard *et al.*, 2024). Esse monitoramento contínuo aumenta a adesão dos tutores e melhora os índices de sucesso terapêutico.

A abordagem clínica deve ser multiprofissional, envolvendo não apenas o médico-veterinário clínico, mas também especialistas em nutrição e dermatologia veterinária. Essa integração permite identificar de forma mais precisa os fatores desencadeantes das alergopatias e selecionar as melhores estratégias de manejo alimentar (Sanabri; Ribeiro; Ribeiro, 2022). Nos casos em que o tutor também apresenta obesidade, recomenda-se incluir orientações de saúde compartilhadas, considerando o impacto dos hábitos familiares na condição do animal (Suarez *et al.*, 2022).

O uso de imunoterapia alérgeno-específica, embora mais comumente indicada para dermatite atópica, também pode ser aplicado em cães obesos, desde que associado ao controle nutricional. Essa terapia tem como objetivo dessensibilizar o animal a alérgenos específicos, reduzindo a necessidade de corticoides, que são conhecidos por induzir ganho de peso (Silva, 2024; Marsella, 2025). Dessa forma, a imunoterapia contribui para o controle da alergia sem agravar o quadro de obesidade.

É importante destacar que o tratamento farmacológico deve ser utilizado de forma cautelosa em cães obesos e alérgicos. O uso prolongado de corticoides sistêmicos, embora

eficaz no controle do prurido, pode intensificar o ganho de peso e comprometer o sucesso do programa de emagrecimento (Silva, 2024). Nesse sentido, recomenda-se priorizar alternativas terapêuticas com menor impacto metabólico, como imunomoduladores e nutracêuticos.

As diretrizes internacionais reforçam que a educação do tutor é peça-chave para o sucesso do manejo clínico. Muitos proprietários subestimam os riscos da obesidade ou acreditam que a dermatite é apenas um problema estético (Istoé, 2025; Nutrinews, 2023). Cabe ao médico-veterinário esclarecer que ambas as condições são doenças crônicas que exigem monitoramento contínuo e comprometimento familiar para alcançar resultados eficazes.

Outro ponto relevante é a necessidade de adaptar o nível de atividade física ao perfil clínico do animal. Cães obesos com dermatites graves podem ter menor disposição para exercícios, o que exige a implementação de atividades leves e progressivas. Caminhadas curtas e frequentes, associadas ao enriquecimento ambiental, contribuem para o gasto energético sem agravar as lesões cutâneas (Montoya, 2025; Alla *et al.*, 2024). Assim, o manejo deve equilibrar estímulo físico e proteção dermatológica.

A literatura também aponta que o manejo de cães obesos e alérgicos pode se beneficiar do uso de softwares de acompanhamento nutricional, que auxiliam na prescrição de dietas individualizadas e no monitoramento da perda de peso (Murphy *et al.*, 2022). Essas ferramentas tornam o processo mais objetivo e permitem ajustes em tempo real, aumentando a precisão da intervenção clínica.

De maneira crítica, deve-se considerar que o sucesso terapêutico não depende apenas das medidas clínicas e nutricionais, mas também do engajamento do tutor. A falta de adesão é um dos maiores desafios enfrentados na prática, sendo responsável por falhas recorrentes em programas de emagrecimento e controle das alergopatias (Fernandes; Belo, 2023). Portanto, estratégias de educação, acompanhamento próximo e suporte motivacional são indispensáveis para garantir a continuidade do tratamento.

O manejo clínico e nutricional de cães obesos e alérgicos deve integrar protocolos de redução de peso, dietas hipoalergênicas, uso racional de nutracêuticos, acompanhamento clínico contínuo e adesão às diretrizes internacionais (AAHA e WSAVA). Essa abordagem multidimensional contribui para reduzir a inflamação, restaurar a função imunológica e melhorar a qualidade de vida dos animais, representando um avanço significativo na prática clínica veterinária (Haddad *et al.*, 2024; WSAVA, 2023).

3 CONCLUSÕES

A presente pesquisa demonstrou que a obesidade e as alergopatias em cães configuram condições clínicas de alta relevância, caracterizadas por elevada prevalência e expressivo impacto sobre a qualidade de vida animal. Embora distintas em sua origem, essas enfermidades compartilham mecanismos fisiopatológicos comuns, especialmente o estado inflamatório crônico associado ao tecido adiposo, que agrava manifestações dermatológicas e dificulta o manejo clínico. Assim, a obesidade deve ser entendida como uma síndrome metabólica sistêmica, com repercussões endócrinas, imunológicas e inflamatórias, e não apenas como um distúrbio nutricional.

As alergopatias, por sua vez, apresentam curso crônico, multifatorial e recidivante, com sinais clínicos que comprometem o bem-estar e interferem na relação tutor-animal, gerando repercussões emocionais e financeiras. A interação entre obesidade e dermatopatias reforça a necessidade de abordagens terapêuticas integradas e individualizadas, que considerem fatores genéticos, ambientais e nutricionais, incluindo protocolos que associem manejo alimentar, atividade física, fármacos e nutracêuticos.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento dessas condições exige protocolos personalizados, diagnósticos precoces e forte engajamento do tutor, sendo o papel educativo do médico-veterinário fundamental para a adesão ao tratamento. O aprofundamento científico sobre a associação entre obesidade e alergopatias permitirá o desenvolvimento de estratégias cada vez mais eficazes, contribuindo para reduzir a prevalência, mitigar impactos clínicos e fortalecer a prática da medicina veterinária baseada em evidências e centrada no bem-estar animal.

REFERÊNCIAS

ALLA, M. *et al.* **Perfil nutricional e prevalência de sobrepeso e obesidade em cães com suspeita ou diagnóstico de dermatite atópica e/ou hipersensibilidade alimentar.**

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/80531>. Acesso em: 1 out. 2025.

ANTURANIEMI, J. *et al.* **The effect of atopic dermatitis and diet on the skin transcriptome in dogs.** *Frontiers in Veterinary Science*, v. 7, 2020. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/journals/veterinary-science/articles/10.3389/fvets.2020.552251/full>. Acesso em: 1 out. 2025.

ASSOCIATION FOR PET OBESITY PREVENTION. **2024 Pet Obesity Survey Results.** 2024. Disponível em: <https://www.petobesityprevention.org/2024-survey>. Acesso em: 1 out.

2025.

BLANCHARD, T. *et al.* **Prevalence and factors associated with overweight and obesity in dogs in primary care.** *One Health*, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1938973624000308>. Acesso em: 1 out. 2025.

BROOME, H. A. O. *et al.* **Weight loss outcomes are generally worse for dogs and cats with severe obesity.** *PLOS ONE*, v. 18, n. 11, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10752889/>. Acesso em: 1 out. 2025.

CARDOSO, Mayra. **Obesidade em cães pode ser mais perigosa do que parece.** Revista Terra, 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/obesidade-em-caes-pode-ser-mais-perigosa-do-que-parece-saiba-mais%2Ce7a62aea1c0f0626ccc134b038e18248tkctf3uw.html>. Acesso em: 1 out. 2025.

DALL'AGLIO, C. *et al.* **Effects of obesity on adiponectin system skin expression in dogs.** *Animals*, v. 11, n. 8, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8388499/>. Acesso em: 1 out. 2025.

DE SANTIAGO, M. S. *et al.* **Randomized, double-blind, placebo-controlled trial of dietetic food on dermatologic scoring and pruritus in canine atopic dermatitis.** *BMC Veterinary Research*, v. 17, 2021. Disponível em: <https://bmcvetres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12917-021-03063-w>. Acesso em: 1 out. 2025.

FERNANDES, G.; BELO, M. A. A. **Fatores comportamentais de tutores influenciam a obesidade canina.** *Revista Vida: Ciências da Vida (VICV)*, v. 1, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.universidadebrasil.edu.br/index.php/vicv/article/download/99/218/1119>. Acesso em: 1 out. 2025.

HADDAD, K. K. *et al.* **How successful are veterinary weight management plans in overweight and obese dogs?** *Animals*, v. 14, n. 5, 2024. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-2615/14/5/740>. Acesso em: 1 out. 2025.

LOPEZ, D.; RODRIGUES, A. I.; HIGA, E. F. **Alimentação natural no manejo da dermatite atópica e obesidade em cadela geriátrica: relato de caso.** *PUBVET*, v.19, n.09, 2025. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/4251>. Acesso em: 1 out. 2025.

MARANESI, M. *et al.* **Leptin system in obese dog skin: a pilot study.** *Animals*, v. 10, n. 12, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-2615/10/12/2338>. Acesso em: 1 out. 2025.

MARCHI, P. H.; GERMAN, A. J.; *et al.* **Obesity, inflammation, and cancer in dogs.** *Veterinary Sciences*, v. 9, n. 10, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9573962/>. Acesso em: 1 out. 2025.

MARIGA, C. *et al.* **Dermatological evaluation in dogs with atopic dermatitis treated with nutraceuticals.** *Frontiers in Veterinary Science*, v. 10, 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/veterinary-science/articles/10.3389/fvets.2023.1285384/full>. Acesso em: 1 out. 2025.

MARSELLA, R. **Environmental factors are responsible for the rise of atopic dermatitis in dogs.** *Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA)*, 2025. Disponível em:

<https://avmajournals.avma.org/view/journals/javma/aop/javma.25.06.0391/javma.25.06.0391.xml>. Acesso em: 1 out. 2025.

MONTOYA, M.; **Overweight and obese body condition in ~4.9 million dogs and cats in the USA: 2019–2023 trends.** *Preventive Veterinary Medicine*, 2025. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167587724002848>. Acesso em: 1 out. 2025.

MONTOYA-ALONSO, J. A. *et al.* **Prevalence of canine obesity, obesity-related metabolic dysfunction, and owner obesity.** *Frontiers in Veterinary Science*, v. 4, 2017. Disponível em:

<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5403824/>. Acesso em: 1 out. 2025.

MURPHY, M. *et al.* **2021 AAHA Nutrition and Weight Management Guidelines for Dogs and Cats.** *American Animal Hospital Association*, 2022. Disponível em:

<https://www.aaha.org/wp-content/uploads/globalassets/02-guidelines/2021-nutrition-and-weight-management/resourcepdfs/new-2021-aaha-nutrition-and-weight-management-guidelines-with-ref.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

O'NEILL, D. G. *et al.* **Ironing out the wrinkles and folds in the epidemiology of canine skin fold dermatitis in primary care.** *Scientific Reports*, v. 12, 2022. Disponível em:

<https://www.nature.com/articles/s41598-022-14483-5>. Acesso em: 1 out. 2025.

OLIVRY, T.; MUELLER, R. S. **Prevalence of cutaneous adverse food reactions in dogs and cats.** *BMC Veterinary Research*, v. 13, 2017. Disponível em:

<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5311844/>. Acesso em: 1 out. 2025.

PEGRAM, C. *et al.* **Frequency, breed predisposition and demographic risk factors for overweight status in dogs in the UK.** *Journal of Small Animal Practice*, v. 62, n. 7, 2021.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jsap.13325>. Acesso em: 1 out. 2025.

PORSANI, Mariana Yukari Hayasaki. **Obesidade canina: um estudo de prevalência no município de São Paulo – SP.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2019.

Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002969064>. Acesso em: 1 out. 2025.

SANABRI, R. A.; RIBEIRO, R. M.; RIBEIRO, D. S. F. **Dermatite atópica canina: um olhar sobre os tratamentos atuais.** *Research, Society and Development*, v.11, n.11, 2022.

Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.32807>. Acesso em: 1 out. 2025.

SILVA, I. R. **Levantamento de dados em relação às consequências do uso de corticoides no tratamento da dermatite atópica canina em Paracatu/MG e região.** *FINOM – Humanidade e Tecnologia*, 2024. Disponível em:

https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/5885/3566. Acesso em: 1 out. 2025.

SUAREZ, L. *et al.* **Is dog owner obesity a risk factor for canine obesity? A “One Health” study.** *Veterinary Sciences*, v. 9, n. 5, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2306-7381/9/5/243>.

Acesso em: 1 out. 2025.

VERDE, M. T. *et al.* **Comparison of circulating CD4+, CD8+ lymphocytes and CD4+/CD8+ ratio in atopic versus healthy dogs.** *Research in Veterinary Science*, v. 146, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0034528822000261>. Acesso em: 1 out. 2025.

WSAVA GLOBAL NUTRITION COMMITTEE. **Global Nutrition Guidelines.** *World Small Animal Veterinary Association*, 2023–2024 (pág. oficial). Disponível em: <https://wsava.org/global-guidelines/global-nutrition-guidelines/>. Acesso em: 1 out. 2025.